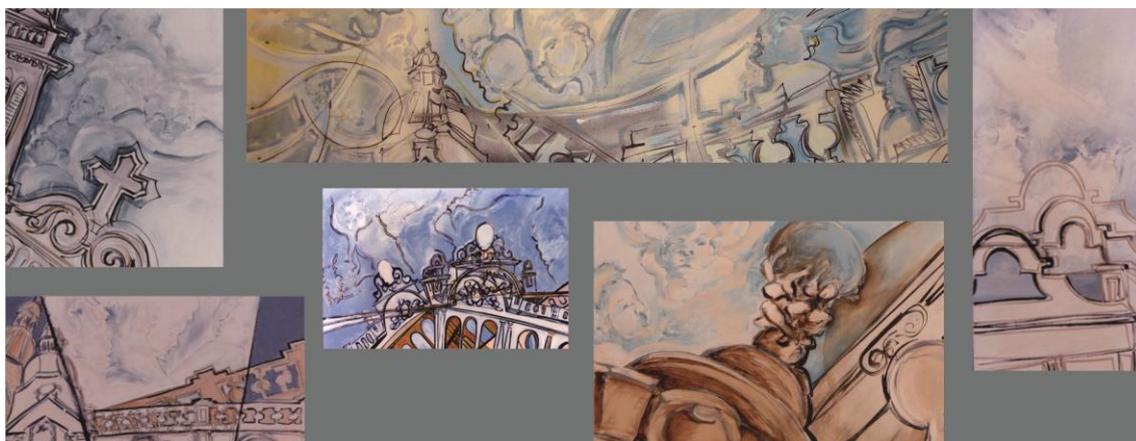
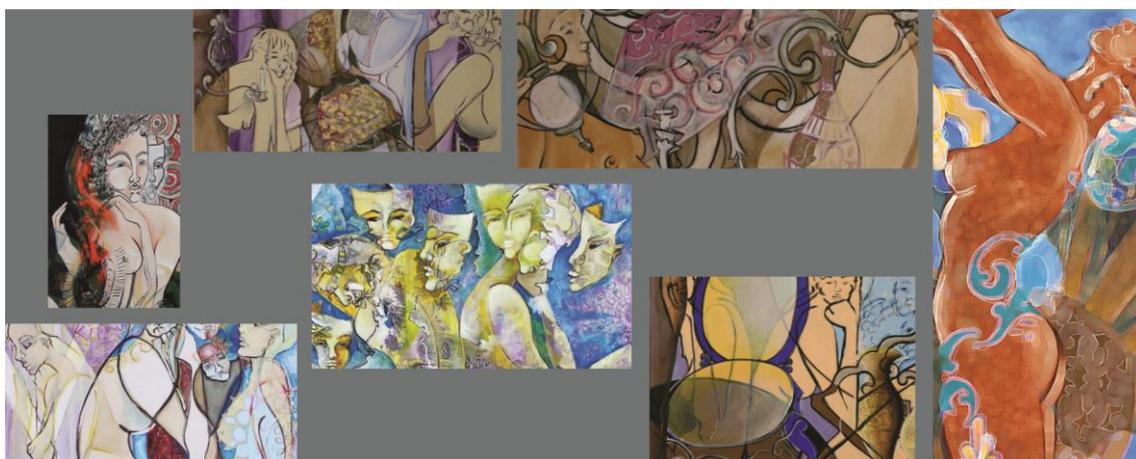


Nasci em Santa Maria/RS no último ano da década de 1960, portanto tenho muitas histórias para contar e aqui coloco algumas que tem relação com a minha produção poética.

QUANDO EU ERA PEQUENA, meus avós paternos moravam numa casa no campo; passava um mês de férias lá, antes de ir para a praia. A casa fica no alto de uma coxilha, o que faz parecer que estamos mais perto do céu. De dia costumava observar os desenhos das nuvens e a noite as estrelas; sentada em uma cadeirinha de madeira em frente da casa; ou caminhando até a porteira (com uma parada obrigatória em uma grande figueira no meio do caminho). Quando ia dormir ficava observando os desenhos das manchas nas paredes rosa desbotado, onde o tempo foi consumindo a pintura a cal. À noite, ao dormir, o céu eram as paredes do quarto iluminado pela vela. O meu céu, com sugestões diferentes a cada dia, continuou na produção poética em diferentes séries, com diversas reflexões.

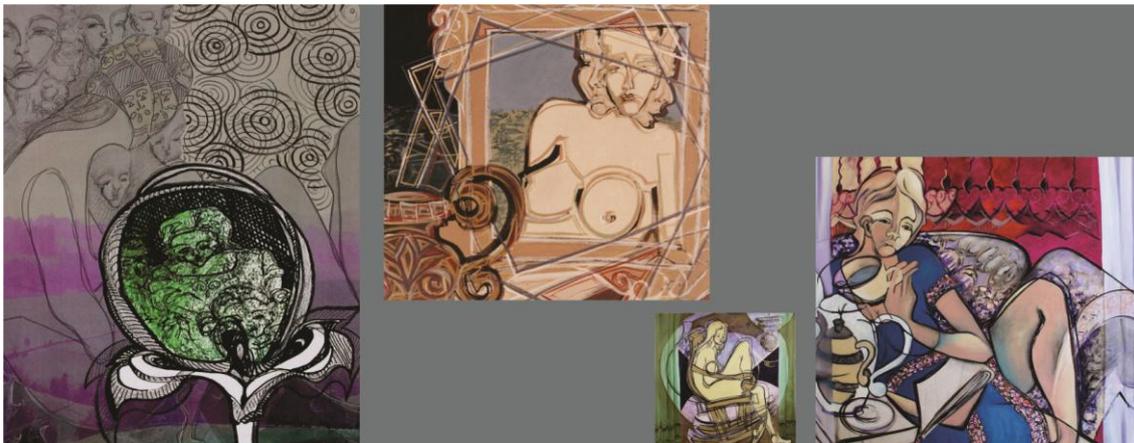


MINHA MÃE É ARTE EDUCADORA e quando eu era pequena ela ainda cursava a faculdade e às vezes precisava me levar junto para as aulas. Tenho a lembrança de ficar quietinha desenhando ou modelando com argila. Anos depois, quando fui cursar Desenho e Plástica Bacharelado, eu andava nos mesmos corredores e salas de aula que frequentava quando criança, mas não era imenso como acreditava, parecia tudo tão pequeno. Circulando no Centro de Artes (da UFSM) a minha memória da infância voltou, e com ela fui adentrando no campo das artes, tendo a desconstrução como guia, procurando criar com o descomprometimento de criança, como Picasso sugeria.

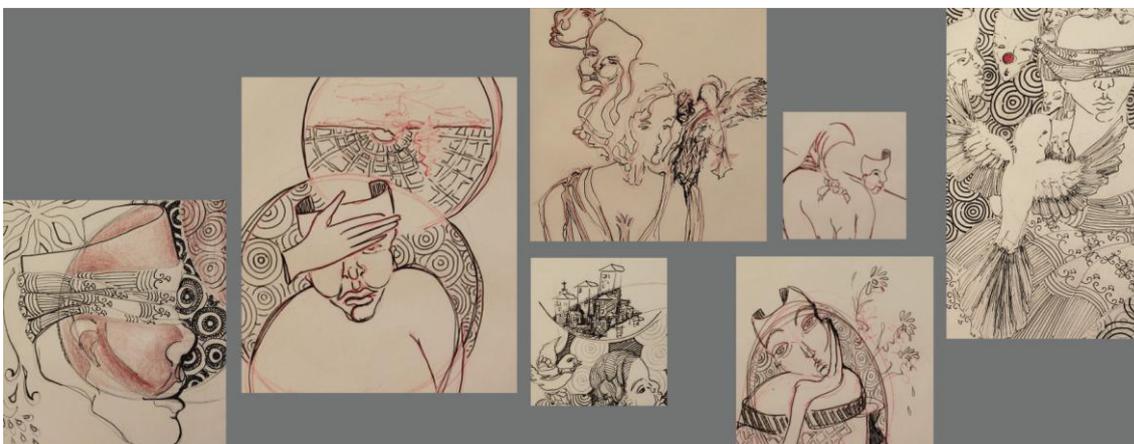


Quando fiz quinze anos ganhei muitos presentes, alguns guardo até hoje. Um deles é um espelho de mão com as bordas cheias de arabescos. Aquela moldura decorada

acompanhou muitas alegrias e tristezas embutidas no olhar do meu rosto em diferentes épocas, como se emoldurasse sentimentos. Esse ato de **EMOLDURAR SENTIMENTOS E PERCEPÇÕES** acompanhou diferentes séries.



Ingressei querendo fazer escultura, pois de tanto brincar com argila estava acostumada a receber elogios do quão realista estavam as minhas modelagens. Gradativamente, a cada aula, fui percebendo que a expressão artística não estava na proximidade da realidade e sim na autenticidade da intenção. Não via o tempo passar quando estava desenhando, sempre fazia muito mais **DESENHOS** do que era solicitado. Mesmo quando era uma proposta de pintura, tanto estrutural quanto formal no trabalho acabado, sempre predominava a linha. Foi então que decidi cursar a habilitação Desenho Artístico. Nem imaginava que o desenho, sua teoria e treinamento, iria me acompanhar na docência, em um dos dois mestrados que cursei e no doutorado.

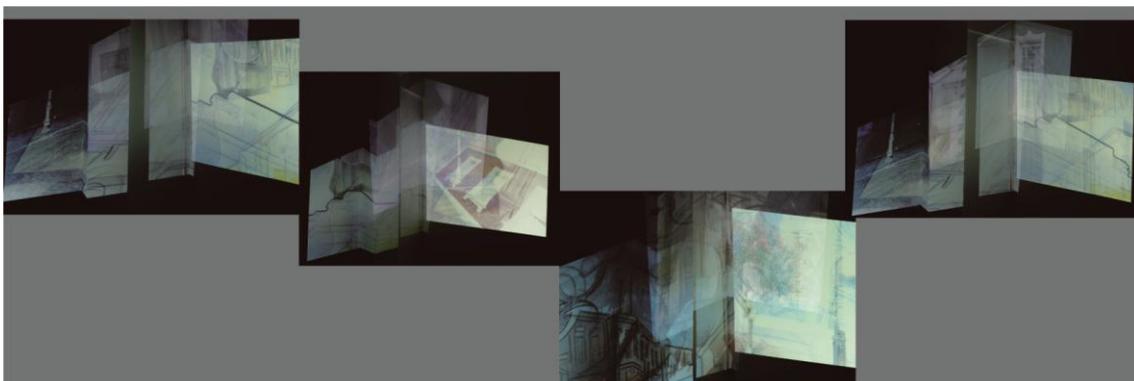


Embora eu fosse formada em Desenho Artístico, a minha produção poética teve a **PINTURA** como base, mesmo estando muitas vezes no limite entre desenho/pintura. Comecei a produzir no tempo em que cada linguagem tinha o seu espaço, e a mistura não era bem vista, era o início da Arte Contemporânea, mas aqui as Artes Plásticas estava estabelecida, com longas raízes, que não permitia ver outras possibilidades. Saí de uma graduação que me premiava, ao mesmo tempo em que discutia se era pintura ou desenho. Digo hoje que eu pinto desenhando, mas isso não importa, pois as mesmas pinturas/desenhos podem ir para o desenho digital. Em 1999 comecei a fazer **GRAVURAS DIGITAIS**, tentei chamar de Infografias, pois a imagem não era

gravada, escavada, em uma matriz. Mas fui voto vencido, o mercado foi consolidando essa linguagem como gravura digital.



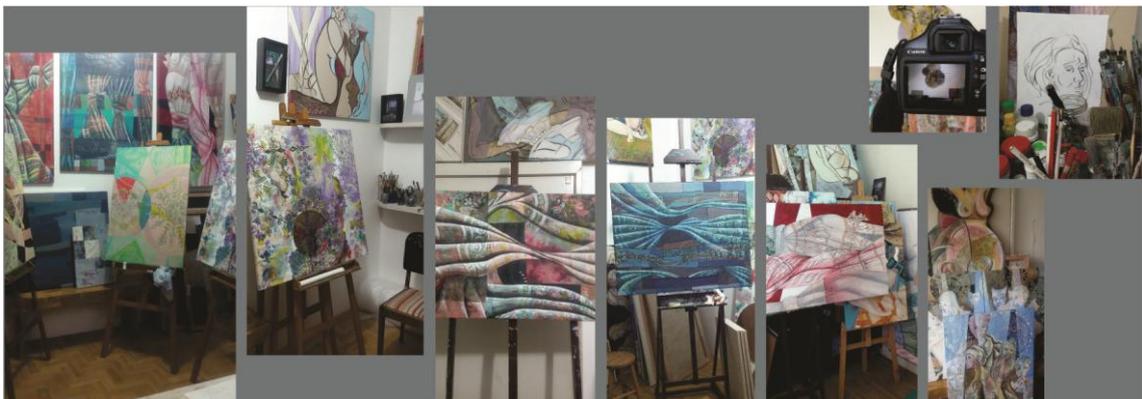
Já estava na hora de fazer um doutorado e resolvi fazer um segundo mestrado, pois a professora de desenho, em cursos de design, tinha mestrado, mas a artista não. Fiz, então, mestrado em Arte Contemporânea, linha de pesquisa Arte e Tecnologia. No desejo de explorar algo novo resolvi então misturar as gravuras digitais, com as pinturas em videoarte. Foi assim que resgatei as séries “Arquitetura Pintalgada” e “Memória Urbana” e criei **VÍDEO INSTALAÇÕES** tendo a intenção de alertar para a preservação do patrimônio cultural e instigar as memórias urbanas individuais.



A arte contemporânea se consolidou, o mundo mudou, novos questionamentos e reflexões surgiram. Usar as novas tecnologias não bastava para eu me sentir uma artista visual. Passei a me questionar que visualidade minha trajetória construiu, trazer reflexões sobre questões femininas, reflexões introspectivas ou coletivas, resgate de memórias individuais ou coletivas, e valorização do patrimônio histórico eu sentia como incipiente, parecia que precisava de algo mais. Foi quando me dei conta que o suporte não estava integrado com o conceito das obras, num intuito de buscar a **SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL** (na prática e como reflexão) em 2010 pinte sobre lona de caminhão e, posteriormente, em 2019 surgiu a série “Dicotomia” que está nesta exposição. Continuei pintando até 2021, quando troquei o suporte para o papelão, que assim como os retalhos de tecidos, eles aparecem na composição, pois exploro as texturas que eles sugerem, o material torna-se protagonista.



Hoje não sei se preservo desprendimento infantil, mas me esforço, continuo desenhando ou pintando, não importa se na tela ou no computador, sigo emoldurando sentimentos e percepções na esperança de provocar reflexões, ou pelo menos não deixar a arte morrer. A desconstrução me acompanha e as linguagens que foram surgindo reforçaram ainda mais essa busca. Hoje quando me pedem para fazer determinada figura eu digo: **PREFIRO DESCONSTRUIR**. Quem quer conhecer a minha produção poética, ver como desconstruo a realidade, pode visitar o ateliê.



SIMONE ROSA

CONTATO:

Celular: (55) 999609958

Email: simonerosa.atelie@gmail.com

Facebook: /ateliesimonerosa

Instagram: /artsimonerosa